

O LEOPARDO- -DAS-NEVES

PETER
MATTHIESSEN



COORDENADOR DA COLEÇÃO

António Araújo

TRADUÇÃO DE

Rita e Pedro Carvalho e Guerra





CHINA
(TIBETE)

monte
Kailas

NEPAL

monte
Everest

★
Nova
Delhi

Catmandu ★

BUTÃO

ÍNDIA

BANGLADESH



locais da narrativa

Para
Nakagawa Soen Roshi
Shimano Eido Roshi
Taizan Maezumi Roshi
GASSHO
com gratidão, afeto e respeito



Esta é, no fundo, a única coragem que nos é exigida: que tenhamos coragem para o mais estranho, o mais singular e o mais inexplicável que possamos encontrar. Que a humanidade tenha, neste sentido, sido cobarde tem feito à vida um mal infundável; as experiências a que chamam «visões», todo o chamado «mundo espiritual», a morte, todas essas coisas que nos são tão próximas, têm sido de tal modo escoraçadas da vida, pelo rame-rame do dia a dia, que os sentidos com as quais as poderíamos apreender estão atrofiados. Já para não falar em Deus.

RAINER MARIA RILKE

ÍNDICE



Prefácio ♦ 15
(António Araújo)

Agradecimentos ♦ 23

Introdução de *PICO IYER* ♦ 25

Prólogo ♦ 39

I – Para Oeste ♦ 45

II – Para Norte ♦ 111

III – Na Montanha de Cristal ♦ 235

IV – O Caminho para Casa ♦ 321

Notas ♦ 393

PREFÁCIO



António Araújo

(O autor não segue as regras do novo Acordo Ortográfico)

Este é um livro único, não duvidem. Tem quase foros de escândalo o facto de só agora ser editado entre nós, mais de quarenta anos volvidos sobre a sua publicação original, em 1978, logo seguida pela atribuição do National Book Award de 1979, na categoria de «Contemporary Thought», e, no ano seguinte, do National Book Award for Nonfiction. Desde então, *O Leopardo-das-Neves* tem sido aclamado como um dos melhores livros de viagens de todos os tempos, incluído nas listas selectas do *The Washington Post* e da *National Geographic*, convertido em obra de culto para gerações e gerações de leitores em todas as partes do mundo.

As razões para este aplauso tão extenso, tão unânime, encontrar-las-á o leitor nas páginas que se seguem, cabendo a este modesto prefácio a tarefa mais concreta, mas não menos difícil, de explicar o inexplicável, o motivo de uma veneração mundial que, em muitos casos, se reveste de contornos místicos, ou não fosse o livro de Peter Matthiessen, ele próprio, impregnado de profundo misticismo, desde logo porque o que aí se exprime e condensa é uma busca, a procura de um animal elusivo, tão fugidio e tão esquivo como o unicórnio dos bestiários medievais.

Aliás, no fólio 33v. do *Apocalipse dos Cloisters*, um manuscrito iluminado francês feito *circa* 1330, encontramos uma estranha figuração do felino escapista, um leopardo com oito cabeças, evocativo do conhecido trecho de Revelação 13:2, que diz: «A besta

que vi era semelhante a um leopardo, mas tinha pés como os de urso e boca como a de leão. O dragão deu à besta o seu poder, o seu trono e grande autoridade». No entanto — e isso mostra bem a natureza elusiva e fugidia dos leopardos, que tanto podem ser uma coisa como o seu contrário —, em certos bestiários da Idade Média eles transformam-se simbolicamente na pessoa do próprio Cristo, enquanto o dragão se converte no Diabo. Dizia-se que o leopardo adormecera durante três dias no seu covil e, depois de acordar, fora seguido por todos os bichos da Terra graças ao seu odor irresistível, o que constituía uma parábola alusiva a Jesus, o qual, após ter estado três dias no sepulcro, se ergueu para conduzir a Humanidade no caminho da salvação eterna e resplandecente.

É bem antiga essa ideia de que o leopardo emana um cheiro irresistível para os outros quadrúpedes. Plínio, o Velho, falou dela na *História Natural*, sendo esse o meio que encontrou para explicar, por um lado, a natureza esquiva das panteras ferozes e, por outro, a sua temível capacidade de ataque, que leva os zoólogos do nosso tempo a considerá-las os «predadores perfeitos», com um poder letal incrível, inaudito. Segundo Plínio, o *fâcies* do leopardo é tão assustador, os seus olhos tão terríveis, que ele tinha de esconder-se nos meandros das florestas. Só assim os outros animais, atraídos pelo seu odor, acabariam por dar-se à morte.

Estranho é que a maior concentração de leopardos selvagens do planeta se encontre hoje, segundo dizem, num ambiente urbano, dos mais densamente povoados do mundo, com uma população de mais de 20 milhões de pessoas: Mumbai, na Índia. A perda do seu *habitat* natural tem conduzido milhares de felinos a esconderem-se aí, em vielas estreitas e bairros apinhados de gente, na busca do que possam encontrar no lixo humano e urbano ou tendo como presas os muitos gatos e cães vadios. Facto ainda mais bizarro quando pensamos que os leopardos, os mais solitários de todos os felinos, necessitam de grandes espaços para se movimentarem, perímetros que chegam a atingir os sete mil hectares para cada animal, o equivalente a duas vezes a Área Metropolitana de

Lisboa (alguns estudos afirmam que um macho necessita de uma área livre de cerca de 80 milhas quadradas, três vezes e meia o tamanho de Manhattan). Serem obrigados a viver numa megalópole como Mumbai é algo que atraiçoa a sua genética, que contraria o seu perfil ancestral, e talvez esse esforço audaz, tremendíssimo, seja o derradeiro gesto que fazem para escaparem a uma extinção quase certa.

Já numa carta enviada para Roma, e escrita no ano 50 antes de Cristo, Cícero, então governador da Cilícia, província do sul da Turquia, se queixava da falta de leopardos, que a capital do Império reclamava para alimentar os sangrentos jogos circenses. «Quanto às panteras, os caçadores mais experientes estão a fazer o seu melhor, sob as minhas instruções, mas o seu número é cada vez menor», lamentava Cícero. Mais de dois mil anos volvidos, com tanto «progresso» e tanta «civilização», a situação piorou muitíssimo, dizendo as estatísticas que, no seu estado natural, restarão uns 25 mil leopardos em África, pouco mais de mil em toda a Ásia, 950 no Sri Lanka, 250 em Java e outros tantos nas Arábias. O mais ameaçado é o leopardo-de-amur, ou leopardo-siberiano, que habita nos montes Sikhote-Alin, e de que não sobram mais do que uns 35 exemplares. Do leopardo-das-neves (*Panthera uncia* ou *Uncia uncia*) existirão uns seis mil animais, espalhados pelo Tibete, Nepal, Índia, Paquistão, Afeganistão, Quirguistão, Tajiquistão, Butão e o oeste da China. Foi este que Peter Matthiessen tão afanosamente buscou, sem sucesso.

O felino dos Himalaias não é o primeiro leopardo mítico da história da literatura, sendo quase fatal recordarmos, entre outros exemplos, o animal perdido nas neves do Kilimanjaro, da novela homónima de Ernest Hemingway (o mais espantoso de tudo é que existiu mesmo um leopardo nas neves do Kilimanjaro, cujo cadáver congelado foi descoberto em 1926 pelo montanhista Donald Latham, nunca se tendo encontrado uma explicação convincente para a presença desse animal naquelas paragens tão gélidas e elevadas). Contudo, o leopardo-das-neves é, porventura, o mais elusivo

de todos os leopardos, o mais difícil de observar, e, sem dúvida, um dos mais belos, com a sua densa pelagem cinzenta, a lembrar prata, um deslumbre de adaptação ao meio envolvente que se detecta noutras características suas, como um peito bem desenvolvido para fazer circular na caixa torácica o ar fino das altas montanhas, uma cauda comprida para aumentar o equilíbrio e os movimentos lá nas lonjuras e uma cavidade nasal alargada para aquecer o ar gélido, cortante, que aspira para os seus pulmões. Sob o título «Eu, o Leopardo das Neves», uns versos do poeta chinês Jidi Majia, dizem tudo: «Sou o verdadeiro filho das montanhas nevadas/ o viajante solitário que atravessa tempos e espaços/ agachado na ondulação das rochas duras/ o guarda deste lugar». Vincent Munier, um dos mais famosos fotógrafos da natureza do mundo, que desenvolveu o *Snow Leopard Nikon Project*, realizou seis expedições ao Tibete entre 2011 e 2018, sobre as quais publicou vários livros. Um dos quais tem por título *O Leopardo-das-Neves ou a Promessa do Invisível* e foi também no encaço dessa promessa do invisível que Sylvain Tesson acompanhou Munier numa das suas viagens. O resultado de tal demanda foi um livro publicado entre nós em 2020, *A Pantera das Neves*, no qual se diz, certamente, que «o imprevisto nunca chega por si, é preciso persegui-lo por todo o lado». A obra de Tesson é um relato de espera, um exercício de paciência recompensado por três visões do animal mítico, que o autor, extasiado, descreve como aparições fulgurantes, metafísicas. A última delas é assim narrada:

À primeira luz, arrastámo-nos dos sacos-cama. Nevara, e o animal estava junto ao seu iaque, de beiços rubros de sangue, a pelagem salpicada de branco. Regressara antes do amanhecer e corria, de barriga cheia. O peito era madrepérola com reflexos azuis. Por isso lhe chamavam a pantera-das-neves: vinha como a neve, silenciosa, e ia-se embora em pezinhos de lã, fundida na rocha. Despedaçara a espátula, o quinhão do rei. No manto negro do iaque,

destacava-se uma mancha vermelha. A pantera tinha-nos visto. Virando-se de lado, alçou a cabeça e cruzávamos olhares, um ardor frio. Os seus olhos diziam: «Não podemos gostar um do outro, vós não representais nada para mim, a vossa raça é recente, a minha imemorial, a vossa dissemina-se, desequilibrando o poema.» Aquele rosto, borrado de vermelho, era a alma do mundo primitivo alternando entre as trevas e a aurora.

NA SUA VIAGEM NO OUTONO DE 1973, FEITA NA COMPANHIA do zoólogo George Schaller, que pretendia estudar os carneiros-azuis dos Himalaias, Peter Matthiessen não teve a ventura de avistar o leopardo-das-neves e, para seu azar supremo, Schaller conseguiu ver um exemplar escassos dias depois de Matthiessen ter regressado a casa. Não foi caso único; alguns naturalistas chegaram a estudar aqueles felinos durante dezasseis anos antes de terem conseguido avistar um exemplar no estado selvagem e outros, mais afortunados, afirmam que, por vezes, decorrem entre cinco a seis anos entre cada observação de um leopardo-das-neves. Quando George Schaller e Peter Matthiessen se deslocaram aos Himalaias, era escasso, quase nulo, o conhecimento que se tinha deste animal precioso e mítico, tão raro como o unicórnio, bastando referir que a primeira fotografia de um leopardo-das-neves foi tirada apenas em 1970, e justamente por Schaller, numa excursão por Chitral Gol, no Paquistão, ou que, até então, só dois ocidentais tinham alguma vez visto um exemplar da *Panthera uncia*. Hoje, sabe-se muito mais sobre esta espécie, literalmente ameaçada de morte. Em 2016, quando se juntou a Schaller para refazer a jornada do seu pai, Alex Matthiessen notou um estranho e preocupante fenómeno: em comparação com as fotografias feitas na jornada de 1973, as neves dos Himalaias apresentavam um decréscimo sensível, com extensas zonas despojadas de branco. De acordo com Michael Farrington, que estuda os leopardos-das-neves há mais de 20 anos, o aquecimento

global é a maior ameaça à sobrevivência de uma espécie cujo número só tem crescido nos zoológicos: em 1973, aquando da viagem de Matthiessen, eram 90 os leopardos-das neves em cativeiro; hoje são mais de 600, dispersos por 160 jardins zoológicos de todo o mundo.

Peter Matthiessen poderia facilmente ter visto um leopardo-das-neves enjaulado. Bastar-lhe-ia ter saído da sua casa em Long Island e visitado o zoológico do Bronx. O objectivo da sua jornada, porém, era bem diverso e mais vasto. A sua mulher, Deborah Love, morrera de cancro no ano anterior e aquela viagem constituía também, ou primordialmente, uma peregrinação interior e um confronto amargo e doce com a finitude da existência terrena. Não por acaso, transportava consigo o *Livro Tibetano da Morte* e, em *O Leopardo-das-Neves*, o animal procurado tem tanto de real como de metafórico (e, sintomaticamente, pouco é referido nas páginas do livro, como aliás convém a um bicho elusivo e escapista). A caminhada é, pois, sobretudo espiritual, metafísica, feita por um homem singularíssimo, que foi escritor prolífico e ambientalista empenhado, viajante exótico (Nova Guiné, Serengeti, mar de Bering, Patagónia), agente da CIA, mestre de *zen*, cofundador da lendária *The Paris Review*, que usou para cobertura das suas actividades como espião. Em 1983, publicou um livro que causou escândalo, *In the Spirit of Crazy Horse*, a denúncia de um caso real, ocorrido em 1977, em que um activista índio, Leonard Peltier, foi condenado a prisão perpétua pelo homicídio de dois agentes do FBI, com base em provas supostamente forjadas pelo *Bureau*. Matthiessen e a sua editora, a Viking Press, seriam alvo de dois processos judiciais — um, por parte de um antigo governador do Dakota do Sul; outro, da iniciativa de um agente do FBI —, tendo em ambos acabado absolvido ao fim de uma longa batalha nos tribunais.

O Leopardo-das-Neves é, num certo sentido, um livro geracional, muito marcado pelos anos 60 e pela personalidade do seu autor, um pioneiro no uso do LSD e outras drogas que se tornaria monge da escola budista Ameixa Branca Asanga. Mas é também, sem margem para dúvidas, uma obra intemporal, na demanda que

efectua e na inquietação que revela, própria de todas as épocas. Não tem o propósito de dar respostas às interrogações que coloca, e ainda bem. Peter Matthiessen conseguiu assim, talvez não se apercebendo disso, escrever um livro de viagens que é, ele próprio, uma viagem ou, melhor dito, milhares de viagens, tantas quantos os seus leitores. Ao longo das páginas que se seguem, tanto poderemos subir aos altos cumes dos Himalaias como descer às abissais profundezas de nós mesmos. Agora, cada qual escolha o seu caminho, na certeza de que, faça o que fizer, nunca chegará a lugar algum.

Lisboa, Dezembro de 2021

Leituras complementares — sobre o leopardo, a melhor síntese é o livrinho de Desmond Morris, *Leopard*, Reaktion Books, 2014. Para o leopardo-das-neves, são interessantes os dados divulgados no *site* snowleopardconservancy.org. O livro de Sylvain Tesson encontra-se publicado entre nós (*A Pantera das Neves*, Bertrand Editora, 2020). Sobre a viagem e o livro de Matthiessen, são muito interessantes os textos de M. R. O'Connor, «Peter Matthiessens's "The Snow Leopard" in the age of climate change», *The New Yorker*, de 30 de dezembro de 2018, e de Tim Adams, «Zen and the art of following in your father's footsteps», *The Guardian*, de 4 de abril de 2018. Abordando também o livro de Tesson, veja-se o longo ensaio de Kathryn Schulz, «What do we hope to find when we look for a snow leopard», *The New Yorker*, de 5 de julho de 2021.

AGRADECIMENTOS



GOSTARIA DE AGRADECER, EM ESPECIAL, A GEORGE Schaller, desde logo, por me ter convidado a acompanhá-lo ao Dolpo, pela sua excelente companhia durante a viagem e pela sua assistência e pelos seus bons conselhos desde então. O Dr. Schaller ofereceu a espantosa fotografia que aparece na sobrecapa do livro e no frontispício e teve a gentileza de rever o manuscrito para detetar quaisquer erros de ênfase, bem como factuais. Um caloroso obrigado a Donald Hall, que foi generoso, minucioso e inspirador nos seus comentários numa fase inicial, quando as opiniões sinceras são tão importantes; a Maria Eckhart, que ofereceu sugestões sensatas e construtivas ao longo de vários rascunhos; e a Elisabeth Sifton, a editora do livro na The Viking Press, cuja dedicação e defesa calorosa, pragmática e incisiva do livro contra as intromissões do autor em fases mais tardias fez uma grande diferença.

Com inabalável bom humor, lealdade e generosidade, os nossos excelentes *sherpas* e bons amigos Jang-bu, Tukten, Phu-Tsering, Dawa e Gyaltsen, bem como os jovens transportadores tamang, alegraram a nossa dura viagem, o que não foi tarefa fácil. Tenho para com o sherpa Tukten uma dívida especial que expresso de forma mais significativa no livro em si.

O Dr. Robert Fleming, Sr., foi muito hospitaleiro em Catmandu, e igualmente útil na identificação de pássaros e nos seus bons conselhos. Ashok Kuenar Hamal, do Panchayat do Nepal, teve a

gentileza de acelerar o processo em Dunahi, e o Dr. Eiji Kawamura da Expedição aos Himalaias Kitasato foi generoso na sua ajuda ao sherpa Dawa no nosso regresso a casa. John Harrison, da Sterling Library da Yale University, ofereceu uma generosa assistência com os materiais de investigação; John Blower (F. A. O., Conselheiro para a Vida Selvagem do Governo do Nepal), Robert Fleming, Jr., Michael Cheney, Joel Ziskin e Rodney Jackson contribuíram com valiosa informação.

As orientações pacientes dos três mestres Zen aos quais dedico este livro e os vários escritos de pensadores tibetanos como o lama Anagarika Govinda, o Dr. David Snellgrove, John Blofeld e o falecido Dr. W. Y. Evans-Wentz foram utilizados sem restrição. Dado que não sou uma autoridade sobre o budismo, devo a minha gratidão ao lama Govinda e a Tetsugen Sensei (com Taizan Maezumi Roshi) pelos generosos e úteis comentários ao manuscrito, e a Robin Kornman, um estudante de Chögyam Trungpa, Rinpoche, que o analisou em busca de transgressões técnicas: os detalhes da doutrina, a transliteração do sânscrito e os termos tibetanos, e outras questões em que dois pensadores parecem não concordar. Permanecem, sem dúvida, várias inconsistências, mas gosto de pensar que estas não serão assim tão importantes para aqueles que compreendem o porquê de ter escrito este livro.

Por fim, gostaria de agradecer aos muitos escritores, poetas e exploradores da mente cujas palavras contribuíram para a minha compreensão, quer estejam ou não identificados nas notas.

P. M.

Sagaponack, Nova Iorque
Inverno de 1978

INTRODUÇÃO

ESCADAS ATÉ AO TELHADO



O *Leopardo-das-Neves* começa, como começam tantos diários científicos, com um mapa, e termina com uma série de notas eruditas. Descreve uma expedição ao cimo do Dolpo interior, tão raramente visitado, liderada pelo eminente biólogo de campo George Schaller, em busca dos habitats dos *bharal*, as raras cabras azuis dos Himalaias. O seu autor, Peter Matthiessen, um «naturalista, explorador», como afirma a sua biografia, tem o cuidado de reparar em cada «rã-da-floresta da cor do cacau» pelas quais os viajantes passam no caminho, de registar «os pálidos botões alados, azul-lavanda, das orquídeas (*Bauhinia*).» Quando passam por habitações humanas, o que vê, por norma, são «crianças vazias, adultos apáticos, cães curvados e galinhas magras numa desordem de barracas encurvadas e entulho, lama, ervas daninhas, valas estagnadas...»

No entanto, ao mesmo tempo que o leitor sente cada pedrinha do caminho e recebe informações muitíssimo precisas da altitude e da temperatura registadas, talvez capte igualmente o som de um tipo de viagem diferente que se começa a desenrolar sob a superfície. «Avanço através dos mundos cinzentos da aurora em direção à luz», escreve Matthiessen a certa altura, e um pouco mais tarde está no reino «da neve e do silêncio, do vento e do azul». A viagem parece ser, cada vez mais, para locais que não estão no mapa, mesmo quando a equipa sobe e sobe, em direção ao seu derradeiro destino,

a 18 000 pés de altitude, perto da montanha de Cristal. Quando os viajantes aí chegam, de facto, não é tanto o escritor que connosco fala, como os céus afiados, os profundos silêncios azuis, a espantosa claridade de um mundo de neve e rocha. «Tudo se move, repleto de poder, repleto de luz.»

É como se a autoria do livro estivesse distribuída entre muitos seres, começando pelo que assume o primeiro plano, que é, ele mesmo, composto por muitos seres: um naturalista autodidata, sério, que passou grande parte do ano a viajar pelos Estados Unidos para produzir um livro marcante chamado *Wildlife in America*; e um estudante que mais tarde viria a ser ordenado sacerdote Zen, cuja labuta diária é ver para lá de todas as projeções e ilusões da mente, para a rocha dura do mundo que se encontra mais além. O livro foi, claramente, moldado por um jornalista da velha guarda, cuja erudição é tão grande que pode iluminar o seu caminho com referências a Blake e Heisenberg, ao folclore sufi e americano nativo; e, no entanto, essas mesmas frases estão a ser escritas por um romancista experiente, cujo trabalho é transcrever com clareza a natureza dentro de nós, bem como a independente de nós, e ver, de facto, como as duas se interrelacionam. E, acima de tudo — o que é mais incomum —, grande parte da sua narrativa, que flui sob a forma de um diário, transmite a sensação de ter sido escrita sem uma mão que a controlasse ou dirigisse, mas tão-só pelos elementos à sua volta, de modo a levar-nos para aquele estado em que somos plenamente absorvidos e nos tornamos transparentes para o mundo.

A beleza assombrosa do livro — o que lhe permite tornar-se um clássico moderno — tem relativamente pouco a ver com o facto de descrever uma paisagem que poucos viajantes tinham visto em 1973, e que capta, inclusivamente, um som, a voz da cabra azul, que, sugere Peter Matthiessen, nunca antes fora registada. Provém antes de uma rara mistura de descoberta e perda. O drama, o entusiasmo de um clássico registo de aventura, provém de nos dar a sensação excitante de viajar para um estado, interior e exterior, que poucas pessoas tiveram a possibilidade de ver; e, no entanto, o que

lhe confere uma ressonância maior, e o coloca no interior de uma moldura elegante, é a sensação, a cada momento, de que o entusiasmo se desvanece, de que tudo segue o seu caminho, de que até as epifanias e descobertas, que ontem pareciam tão entusiasmantes, em breve serão esquecidas, enquanto o mundo segue o seu caminho. Não nos podemos agarrar a nada.

A sensação é extraordinariamente semelhante à de viajar até um dos muitos edifícios de vários andares que se erguem solitários contra as encostas dos Himalaias. Penetramos numa capela, no piso térreo, e distinguimos os frescos quase invisíveis sob a luz ténue, sentimos o cheiro de séculos de manteiga de iaque derretida, vemos o sol a lançar os seus grandes raios através do pó para iluminar Budas antigos. No exterior, existem escadas de degraus estreitos e íngremes que conduzem ao terraço seguinte, e ao seguinte. Subimos, para lá das cozinhas, das salas de aula, dos salões dos tesouros e das casas de banho, e chegamos, por fim, a um telhado plano a partir do qual nada conseguimos ver, na paisagem ampla, a não ser os distantes cumes cobertos de neve, os céus azuis que se estendem em todas as direções, as bandeiras de oração desfiadas que se agitam ao vento. Penetramos na dimensão mais elevada, mais clara onde *O Leopardo-das-Neves* estabelece a sua residência (temporária).

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO QUE LEIO O CLÁSSICO prateado de Peter Matthiessen, e sempre que o faço, como acontece com qualquer clássico, este transmite uma luz diferente, crescendo comigo e mudando de modo a suprir as necessidades de cada momento. Enquanto escritor de questões de atualidade para a revista *Time*, quando ainda estava na casa dos vinte, confinado a um pequeno escritório na baixa de Manhattan, fui acima de tudo tocado pela sensação dos horizontes que se abrem, da viagem para um lugar com o qual nunca sonhara sequer. Enquanto viajante que seguiu o livro até ao Tibete e depois ao Nepal, e mais tarde o Butão e de novo ao Tibete e a Ladakh, constatei que os locais que visitei eram vistos através de uma luz mais elevada e esclarecedora. E depois,

quando também eu comecei a escrever, comecei a apreciar o modo como conta tantas histórias ao mesmo tempo, e faz o que apenas os melhores escritores de descoberta — Pamuk, Kapuściński, Naipaul — fazem, que é oferecer de imediato a história de uma viagem meticulosamente descrita e, ao mesmo tempo, delinear uma espécie de fábula intemporal.

Fui de tal forma tocado pelo livro, de facto, que deixei o meu escritório confortável e fui viver entre os monges Zen de Quioto, e, aí, o que mais intensamente saboreei foi o carácter puramente físico da subida registada, que nos devolve a uma iminência que jaz para lá do mundo dos pensamentos. O autor rapa o crânio ao partir e, de quando em vez, caminha descalço ao deixar o mundo das estradas. Sentimos as bolhas nos pés dos caminhantes, as sanguessugas nas suas canelas. Consigo ver, com demasiada clareza, as botas molhadas, transformadas em «blocos de gelo» nas noites em que as temperaturas descem para perto de -30° Celsius.

O próprio escritor é privado de todas as imagens confortáveis de si mesmo: é reduzido, por vezes, a mover-se de gatas e, a certa altura, vê-se, como nota mordazmente, a labutar sob perto de trinta quilos de lentilhas. Esta é uma viagem que nos leva não para longe da realidade, mas mais profundamente, para o seu interior, de modo a melhor sentir o seu ferrão. Num momento extraordinário, os carregadores parecem manter a estabilidade ao longo de um rebordo escarpado, colocando-se em transe.

E, no entanto, ao mesmo tempo que sentimos o beliscar e o repuxar desta vida despojada, um outro mundo espreita nos cantos dos sentidos. Matthiessen chegou ao seu ponto de partida, no Nepal, vindo de Varanasi, conta-nos, a antiga cidade indiana onde os corpos dos mortos são entregues ao Ganges. No primeiro dia em que a equipa saiu para percorrer a cidade, o autor encontra um cadáver. Pouco depois disso, «aceno de passagem à morte, consciente do som dos meus próprios passos no caminho». Lemos, aninhado numa frase de lábios tensos logo no início, que a sua esposa, Deborah Love, falecera vítima de cancro no inverno anterior.

Por isso, ao mesmo tempo que a sua ascensão continua, apercebemo-nos de que o «caminho» a que Matthiessen se refere é um caminho interior, bem como exterior. A área percorrida pelos viajantes está situada, por coincidência, a menos de cinquenta quilómetros do local onde nasceu Siddhartha Gautama, o Buda. E, por isso, quase inevitavelmente, o autor viaja pela filosofia que o Buda começou a delinear (e que a sua falecida esposa lhe apresentara), uma compreensão da realidade e do sofrimento. O Buda era, ele mesmo, «errante», diz-nos, alguém cujo caminho levou ao «abraço prosaico de toda a existência». O seu primeiro grande despertar ocorreu quando, fugindo do palácio dourado onde o pai o tentava manter, teve o seu primeiro vislumbre da doença, da enfermidade e da morte.

Matthiessen não está numa «demanda», garante-nos — e presentimos que é demasiado pródigo e preciso para alimentar noções de uma terra do nunca. E, no entanto, à medida que a paisagem começa a clarear — sem estradas, sem vigias, sem recordações do mundo moderno — é, incontestavelmente, mais capaz de ver os vestígios de um outro reino. «Da floresta emerge o som dos sinos.» O rio que os viajantes atravessam foi batizado em honra da deusa hindu da destruição. A cada passo, Matthiessen transporta consigo «um pressentimento indistinto, inquieto» e um vislumbre ocasional do «paraíso perdido da nossa “verdadeira natureza”».

Não vale a pena dar a volta ao mundo para contar gatos em Zanzibar, terá declarado Henry David Thoreau, depois de ter completado a sua longa viagem até um local a dois quilómetros e meio de sua casa; decerto não é uma coincidência que este mesmo Thoreau tenha sido responsável por levar o budismo para a América ao traduzir o Sutra do Lótus a partir do francês, em 1844. E não vale a pena dar a volta ao mundo para contar os gatos no Dolpo interior, em especial se não forem, como Matthiessen, biólogos de campo profissionais. No entanto, enquanto sobe, começamos a perceber que o verdadeiro, fugidio animal que procura — ou um deles — está dentro de si. E enquanto começa a recordar a esposa e a lidar de frente com as questões e tendências em si mesmo, de que, possivelmente, se

tenta esconder em casa, apercebemo-nos que este autor não pretende ignorar o que quer que seja da paisagem interior, bem como da exterior. A certa altura, sente-se tentado a empurrar o seu leal amigo Schaller de um penhasco; noutra, vê-se apenas como um «animal acochado». Chega a confessar um dos males que afligem enormemente aqueles que procuram a verdade, que é a esperança de que possa encontrar uma grande relação ou um grande professor, algo a que os que conhecem este jogo chamam ambição espiritual.

Num outro momento, penetrantemente, Matthiessen recorda o seu filho de oito anos, que ficou em casa, e cita uma carta — uma carta de uma doçura e encanto que comove o coração — do rapaz, Alex, que assina como «*Your sun*»*. Quando Matthiessen decide partir para os Himalaias, a resposta do rapazinho fora «Demasiado tempo!», e o autor começara a sentir-se dilacerado por dentro, contra a sua vontade. O rapaz de oito anos já tinha perdido a mãe, de modo súbito; agora, poderia sentir com razoabilidade que estava a perder o único progenitor que lhe restava.

Matthiessen diz ao filho que regressará a tempo do Dia de Ação de Graças. Contudo, à medida que a viagem avança, e subimos em direção às intensidades e aos desafios que o livro tão maravilhosamente descreve, apercebemo-nos de que os dias vão voando e não há esperança alguma de que consiga regressar a tempo de passar o Dia de Ação de Graças com o filho. Refém das necessidades da expedição, e colocando os requisitos do grupo à frente dos seus, o viajante teve de permanecer longe durante mais tempo do que imaginara e regressou ao filho (como fiquei a saber mais tarde) duas semanas depois da data prometida. Por vezes, temos de nos afastar daquilo que mais amamos.

Conheci alguns leitores ao longo dos anos, em especial mães, que foram profundamente marcadas por esse momento, e que optam por não recordar o facto de que uma das coisas mais difíceis em relação à devoção do Buda pela verdade foi ter tido de deixar

* *O teu sol*. Trocadilho entre as palavras *son* (filho) e *sun* (sol) com que Alex assina a carta. (N. de T.)

a esposa e o filho que tanto amava. No entanto, o que me comove, sempre que leio o livro, é que Matthiessen opta por incluir na sua história uma carta e um momento que o apresentarão numa luz muito pouco elogiosa. A maioria dos viajantes são culpados de uma espécie de infidelidade quando deixam as suas casas e entes queridos, de modo a realizarem uma viagem longa e perigosa — e quase todos (sei-o enquanto alguém que também escreve sobre viagens) escolhem não incluir nos seus relatos esta troca humana, menos exaltada. Gostamos de nos apresentar como heróis conquistadores, ou lobos solitários que enfrentam o mundo em todo o seu terror; utilizaremos qualquer artifício literário ao nosso dispor para manter longe do texto aqueles que, em casa, nos esperam, ou a verdade do que é sempre um compromisso desagradável.

Matthiessen, pelo contrário — e isto é parte da sinceridade e inflexibilidade que considero o motivo de ser do livro e da subida — revela-nos quem está a dececionar. Nota, objetivamente, que ele e a esposa tinham estado perto de se divorciarem apenas cinco meses antes a morte desta. E, enquanto a subida prossegue, vai pensando, cada vez mais, em Alex e Deborah, recorda o filho a mascarar-se (de esqueleto) para o Halloween, e é subitamente levado de volta para ele, ao mesmo tempo que ouve um pica-pau. E parte da tensão do livro, pelo menos para mim, provém não de me perguntar se a equipa ficará sem mantimentos, se os desfiladeiros estarão encerrados pela neve, se os carregadores regressarão — ainda que estes sejam perigos reais e vívidos —, mas em ver o que levará Matthiessen de volta consigo para compensar o seu regresso tristemente adiado. A doce carta, incluída quando um autor menos franco a omitiria, garante que esta não será uma história de heroísmo.

O LEOPARDO-DAS-NEVES É UM LIVRO LIBERTADOR, SINTO-me tentado em dizer, em parte por não ser sobre o bem começinho. Apresenta alguns dos momentos mais transcendentais e repletos de luz da prosa moderna e, no entanto, é, em simultâneo, e em cada momento, sobre o perigo, a dor e o medo, e o seu protagonista

é tão impaciente e distante da tolerância do budismo quando desce dos seus momentos transcendentais como quando sobe. Nesse sentido, trata-se de uma viagem até à humanidade, que Matthiessen tem a sabedoria de ver como jazendo do outro lado das montanhas em relação à santidade (a coragem, como dizem, pertence não ao homem que nunca se sente assustado, mas ao que, estando assustado, não deixa de enfrentar os desafios). Em todos estes aspetos, e como parte da doutrina do duro realismo, é legítimo que a porta do Mosteiro de Cristal esteja trancada, que o lama que Matthiessen ansiava conhecer há tanto tempo se revele «o monge aleijado que tratava a pele de cabra com manteiga e mioleira de iaque» por quem passara, e que seja depois de desvanecida a neblina e limpa a sua alma pela montanha de Cristal que escreva: «sinto-me mutilado, assassino; estou numa fúria de energias escuras, sem qualquer controlo sobre o meu pavio curto.»

É neste contexto que a personagem mais poderosa do livro é a presença furtiva, inassimilável entre o grupo conhecida por Tukten. Um sherpa entre os carregadores, um espírito com quem ninguém se sente inteiramente confortável, um homem que transmite a sensação de ser um feiticeiro e é acusado de ser um ladrão, Tukten é a presença mais esquiva e perturbadora nas montanhas, e o seu ar de ameaça parece, por vezes, mais carregado e intenso do que o dos próprios elementos. E, no entanto, apesar de tudo isso, ele é a sombra do autor e, poder-se-ia dizer, é-lhe familiar. Ele «é-me de algum modo conhecido, como uma figura indistinta de uma outra vida», e os dois parecem ligados, sempre conscientes da localização um do outro. Diz-se que Milarepa, o grande santo poeta do Tibete, se transformou num leopardo-das-neves para confundir os seus inimigos; ao ler Peter Matthiessen, começamos a suspeitar que um leopardo-das-neves escolheu transformar-se em Tukten, que permanece solitário e incognoscível, «o mais misterioso dos grandes felinos». O que me comove ao reler o livro é que Matthiessen chama a Tukten — por duas vezes — o «nosso monge malvado», sendo talvez o «nosso» a palavra mais perturbadora de todas («Esta criatura

da escuridão que reconheço como minha»*, como Próspero afirma sobre Caliban).

Tukten agrada a Matthiessen, talvez até o ensine (mais do que o obviamente sábio mas prosaico lama de Shey) ao não se deixar desmoralizar pelas coisas, que são como são; parece não se deixar abalar, diz Matthiessen, por «violação ou ressurreição». Um dos relevantes encantos do livro é que o seu autor, que nunca atribui a si mesmo a última palavra e que se apresenta em toda a sua tolice e injustiça, está constantemente a aprender com as pessoas à sua volta — referindo como Schaller devora alegremente a sua derradeira ração de chocolate, ao mesmo tempo que o autor se agarra à sua num gesto protetor, registando como um sherpa, quando a sua mochila cai ao rio, saúda a catástrofe, rindo descaradamente. As lições da viagem para os Himalaias, uma vez mais, provêm não só das montanhas reconhecidamente edificantes, mas também dos indivíduos caídos, mas firmes, práticos e pragmáticos, que as percorrem.

O aspeto central da prática da meditação e do trabalho árduo conhecido como Zen é que, como afirma Matthiessen, «não tem paciência para o “misticismo”, muito menos para o oculto». Nem tem tempo para moralismos, para as prescrições e distorções que impomos ao mundo, obscurecendo-o ao nosso olhar. Pede, ou antes insiste, que encaremos o momento por aquilo que é, sem distrações, e não o toldemos com o que poderá vir a ser. É, no fundo, o treino do real, do que está para lá das nossas ideias (e são apenas ideias) de bem e de mal. «O Universo em si mesmo é a escritura do Zen», nas palavras de Matthiessen, e a disciplina inicia os seus praticantes na constatação clara, inequívoca de que o que é, é; o mundo (a iluminação, a felicidade) é apenas um abutre-barbudo nos céus, um pedaço de esterco, o rio agitado, que contém vida e sangue, ainda que as nossas percepções, ou ideias delas, não os contenham.

Neste aspeto, *O Leopardo-das-Neves* regista uma viagem à vida real e à vida que jaz do lado mais distante das nossas emoções, da

* Citação de *A Tempestade*, de William Shakespeare, Ato 5, Cena 1. (N. de T.)

nossa tagarelice infundável. Perto da montanha de Cristal, a criar para si mesmo um abrigo de meditação improvisado (referiu anteriormente que fora impelido para a prática do Zen por estar muito frio), Matthiessen entra num último momento que parece abrir-se interminavelmente. «Estas duras pedras instruem os meus ossos em coisas que o meu cérebro jamais conseguirá acompanhar.» Isto envolve, como escreve sobre o Buda, um abraço profundamente prosaico de toda a existência: bandeiras de oração são «gastas pelo vento até se transformarem em farrapos», o lama calça «sapatos antigos, sem atacadores» e veste um casaco «remendado com sarapilheira», os festins nesta aridez consistem em «queijo de iaque verde, seco ao sol». E, no entanto, sentimo-nos, durante aqueles poucos dias, num «mundo acima das nuvens» — sem ver um espelho há semanas —, o autor penetra num mundo que não pode ser afastado pela argumentação.

PODE SER TÃO ENTUSIASMANTE — UMA TAL LUFADA, literalmente, de ar puro — penetrar neste mundo, tão verdadeiro como uma bolha e, no entanto, uma espécie de alegoria (quando se despede de Schaller, tudo o que Matthiessen consegue ver, enquanto se afasta, é «o emblema negro de um homem contra o sol, como num sonho»), que é fácil ignorar o cuidado extraordinário e a mestria que subjazem ao livro. E não faz mal. O *New Yorker* de William Shawn, que patrocinou a maior parte das expedições naturais de Matthiessen, incluindo esta, treinou o autor em chamar a atenção para o mundo que estava a relatar, não para si mesmo; o Zen faz mais ou menos o mesmo, levando a que o ego pareça pequeno e risível, no contexto das verdades naturais que o rodeiam por completo. A ideia de *O Leopardo-das-Neves* é, muito mais do que na maioria dos livros, perder de vista o autor e a sua linguagem para que sintamos a luz prateada das montanhas, o céu azul que se abre sobre nós, o silêncio e a claridade.

No entanto, caso olhe mais de perto para o texto, gozará de um tipo de maravilhamento diferente, semelhante ao que o autor

sente ao ler cada figueira e cada macaco. Bem cedo na narrativa, lemos sobre como a chuva «vai e vem». Aproximadamente cinquenta páginas e muitas vidas depois, o som «vai e vem». Isto demonstra, apercebemo-nos, a condição mutável dos elementos nas montanhas altas; tudo é efémero. Contudo, reparamos também, se estivermos a prestar atenção, que a frase em si mesma não para de ir e vir ao longo do livro, e, um pouco mais à frente, as «lágrimas e o riso vão e vêm». De pouco importa que «ir e vir» seja quase o primeiro princípio do Zen, a frase que encontramos no *haiku* de todos os mestres Zen; a questão é que as próprias palavras nos dizem que não levemos demasiado a sério os estados de espírito. «Não confio nos meus sentimentos interiores»*, diz-nos Leonard Cohen numa canção tardia, depois de ter vivido como monge Zen numa montanha solitária, «os sentimentos interiores vão e vêm».

«Não há vislumbre de nuvens — limpo, limpo, limpo, limpo», escreve Matthiessen noutra ponta, na alta montanha, e apercebemo-nos de que um escritor menos confiante teria tentado decorar ou diversificar a frase, jamais teria tido a coragem de repetir a mesma palavra simples por quatro vezes, como se nos levasse a um local onde todas as palavras se esgotam. «São o picar, o sentir e o soar precisos de cada passo que me encham de vida», escreve Matthiessen noutra altura, e o leitor poderá reparar em como é a brevidade — o latido austero de «o picar, o sentir e o soar» — que enche a prosa de vida e nos leva para mais perto da terra.

Pode apreciar *O Leopardo-das-Neves* sem responder a nada disto e, no entanto, se tiver tal predisposição, *O Leopardo-das-Neves* oferece uma espécie de manual de como funcionam a precisão e a atenção, e de como a linguagem, no seu melhor, desaparece no interior de todas as coisas que descreve. Talvez o meu momento preferido de todo o trabalho ocorra quando Matthiessen escreve: «Cresço nestas montanhas como musgo. Estou enfeitiçado», e depois, a seguir a duas frases, curtas e simples, que começam com

* «That don't make it junk», do album *Ten New Songs*, de 2001. (N. de T.)

«Eu», chega uma grande frase ribombante que acolhe nos «ofuscantes picos nevados e no ar clarinante, o som da terra e do céu no silêncio, os pássaros de réquiem, as criaturas místicas, as bandeiras, os grandes chifres e as pedras gravadas antigas, os tártaros falqueados nas suas tranças e botas de fabrico caseiro, o gelo prateado do rio negro, o Kang, a montanha de Cristal».

Na própria linguagem, por outras palavras, o «eu» é subsumido em todas as grandes forças que o rodeiam, e tudo se transforma num só fôlego. Melhor ainda, nenhuma das presenças imemoriais que engolem o eu se apresentam sem os seus lados sombrios (os «pássaros de réquiem», o «rio negro», a montanha de Cristal, que acaba de ser descrita como um «castelo de temor»). Recordamos agora como, no meio dos seus transportes, Matthiessen escreve sobre um «sol apocalíptico», o «pássaro prateado da noite», até o «sussurro do sudário», de tal modo que nunca nos esquecemos que uma das suas principais companhias na viagem é a Morte. A frase representa o desaparecimento do eu na montanha.

Poderia continuar a descobrir exemplos de como, nas suas frases, este livro rico e denso nos ensina a sermos observadores, a ficarmos perto do solo, a pensarmos no leitor antes do eu (e, no entanto, ao fazê-lo, nunca contornando por completo o eu e todas as suas fendas e manchas escuras). Mas isto não passa de uma introdução a graças que o leitor pode saborear por si mesma.

Quando o livro se encerra, acredito que o leitor tenha aprendido algo sobre a natureza (poderia dizer a loucura) da expectativa e a beleza dessa verdade que todas as expectativas e ideias escondem frequentemente. Vemos as pegadas do leopardo-das-neves, sentimos a sua presença por todo o lado, mas apercebemo-nos de que o avistamento do raro animal não é, de todo, importante (o autor começou a avistar o animal raro, mais germano aos seus propósitos, que é ele mesmo). Vemos que os professores podem chegar quando não os procuramos — em homens de olhos amarelos que parecem demónios — e que os templos que estão repletos de toda a sabedoria nas terras antigas estão trancados. Apercebemo-nos — e

isto, acho, é a questão mais importante de *O Leopardo-das-Neves*, e começa a levar-nos de volta a Alex — o quanto cada viagem que nos alimenta verdadeiramente é a viagem de regresso a casa. O autor, ao partir, sente constantemente a presença de um «jardim interior» cuja chave perdeu; quando, por fim, desce, algo foi colocado em espera — ou clarificado, ainda que apenas por um momento —, e o autor tem, talvez, algo a levar para o seu rapaz que, provavelmente, jamais teria conseguido partilhar com ele se tivesse ficado em casa, mais convencionalmente «bom».

Acima de tudo, ele — e decerto nós também — aprendeu que não existem finais felizes, ou finais de todo; tudo está em constante movimento, e até os entendimentos que pareciam tão imortais perto da montanha de Cristal em breve se tornam distantes, enquanto «avanço penosamente, arfo, trepo, escorrego, volto a trepar e arquejo, tão entorpecido como um qualquer bruto» (uma vez mais, apercebemo-nos das palavras curtas). Matthiessen parece nada ter aprendido ao descer, urinando sobre um cão que o atacara um mês antes, incapaz de reconhecer uma família com a qual já se cruzara, continuando a praguejar para os outros, não apenas para si mesmo. As pessoas à sua volta «escarram, urinam e cospem», e enquanto vagueia de regresso através das estações do inverno ao outono [*sic*] e depois ao verão, regressando ao mundo dos relógios, é saudado pela «lama fresca dos sapos» e «pelos doces excrementos das galinhas».

E, no entanto, sentimos que algo ficou registado, ainda que não passe de um significado mais profundo do enigmático *koan* que o seu professor de Zen lhe dera antes de partir: «Todos os picos estão cobertos de neve — porque está este nu?» A viagem em busca do esquivo animal que o autor por pouco não vê por várias vezes ensinou aos leitores algo que, pelo menos para alguns, se torna um local, ou uma verdade que nunca os abandona. E, imediatamente antes do final, por fim, a história da morte de Deborah Love é contada na íntegra, e no contar é aceite. Nos preciosos dias que Matthiessen passa perto da montanha de Cristal, sentado em silêncio, o «som

dos rios vai e vem, ascende e cai, como o próprio vento». E, nos anos desde então, leitores, líderes e livros vão e vêm, ascendem e caem, incessantemente, e, no entanto, sob tudo isso, a montanha, a imagem do leopardo, a beleza deste clássico moderno perdura, silenciosamente.

PICO IYER

Nara, Japão

Novembro de 2007

PRÓLOGO



No final de setembro de 1973, parti com GS numa viagem à montanha de Cristal, avançando para oeste sob Annapurna e para norte ao longo do rio Kali Gandaki, depois para oeste e de novo para norte, contornando os picos de Dhaulagiri e atravessando o Kanjiroba, quatrocentos quilómetros ou mais até às Terras do Dolpo, no planalto do Tibete.

GS é o zoólogo George Schaller. Conheci-o em 1969, na planície do Serengeti, na África Oriental, onde trabalhava no seu celebrado estudo do leão¹. Quando o voltei a ver, na cidade de Nova Iorque, na primavera de 1972, tinha começado um levantamento de ovelhas e cabras selvagens e dos seus parentes próximos, as antilocabras. Ele perguntava-se se eu gostaria de o acompanhar no ano seguinte numa expedição ao noroeste do Nepal, perto da fronteira do Tibete, para estudar o *bharal*, ou cabra azul dos Himalaias; era um pressentimento seu, que desejava confirmar, que aquela «ovelha»* das cordilheiras distantes era, na realidade, não tanto uma ovelha e mais uma cabra, e talvez bastante próxima do antepassado arquétipo de ambas. Deveríamos partir no outono para observar os animais com o cio, dado que o comer e o dormir que

* Referência ao nome em inglês da cabra azul, *blue sheep* (ovelha azul). (N. de T.)

os ocupavam durante o resto do ano quase não davam pista da evolução e do comportamento comparativo. Perto de Shey Gompa, o «Mosteiro de Cristal», onde o lama budista proibira as pessoas de lhes fazer mal, dizia-se que os *bharal* eram numerosos e facilmente observáveis. E onde os *bharal* eram numerosos, decerto apareceria o mais raro e mais belo dos grandes felinos, o leopardo-das-neves. GS conhecia apenas dois ocidentais — sendo ele um — que tinham visto com os seus olhos o leopardo-das-neves dos Himalaias nos últimos vinte e cinco anos; a esperança de conseguir um vislumbre desta criatura quase mística nas montanhas nevadas era razão suficiente para toda a viagem.

Doze anos antes, numa visita ao Nepal, eu avistara aqueles espantosos picos nevados a norte; percorrer essa distância, atravessar passo a passo a maior cordilheira montanhosa da terra até um local chamado montanha de Cristal, era uma verdadeira peregrinação, uma viagem do coração. Desde a usurpação do Tibete pelos chineses, as Terras do Dolpo, praticamente desconhecidas dos ocidentais, mesmo hoje, eram apresentadas como o último enclave de pura cultura tibetana existente na terra, e a cultura tibetana era a derradeira cidadela de «tudo o que a humanidade dos nossos dias anseia, seja porque se perdeu ou ainda não se realizou ou porque está em perigo de desaparecer do olhar humano: a estabilidade de uma tradição, que tem as suas raízes não apenas num passado histórico ou cultural, mas no ser mais profundo do homem [...]».² O lama de Shey, o mais reverenciado de todos os *rinpoches*, os «preciosos», em Dolpo, permanecera em reclusão quando um estudioso das religiões tibetanas³ alcançou o Mosteiro de Cristal há dezassete anos, mas decerto a nossa sorte seria melhor.

A caminho do Nepal, parei em Varanasi, a cidade sagrada no Ganges, e visitei os altares budistas de Bodh Gaya e Sarnath. Nos dias das monções de meados de setembro, o calor castanho da Índia era espantoso, e, depois de alguns dias na planície do Ganges, fiquei satisfeito por voar para norte, para Catmandu, nos contrafortes verdejantes da muralha dos Himalaias. O dia estava limpo, e,

entre os pináculos dos templos e os pagodes em terraços, papagaios pretos e vermelhos agitavam-se ao vento. O ar seco, a 4000 pés, foi um grande alívio em relação à humidade da Índia, mas, no norte, os picos estavam escondidos pelas nuvens carregadas das monções e, ao fim da tarde, chovia.

Encontrei GS no hotel. Não nos víamos há um ano ou mais, a nossa última troca de correspondência ocorrera a meio do verão, e ele estava aliviado por eu ter, de facto, aparecido sem falhar. Durante as duas horas seguintes, falámos tão intensamente que me perguntei, mais tarde, se restaria algo para falarmos durante os meses que tínhamos pela frente; não teremos outra companhia senão um ao outro, e não nos conhecemos muito bem. (De GS, eu escrevera, antes, que «ele é obstinado, não é fácil de conhecer» e «um pragmático firme, incapaz de apresentar grande graciosidade perante atitudes não científicas; olha com dureza para quase tudo». Foi igualmente descrito como um «jovem magro, determinado»⁴, e descubro-o tão magro e determinado como sempre.)

As chuvas não param durante os últimos três dias em Catmandu. GS estava desesperado por se pôr a caminho, não apenas por odiar todas as cidades, mas porque o inverno chega cedo aos Himalaias, e estas chuvas das monções podem trazer pesados nevões aos desfiladeiros elevados entre este local e o nosso destino. (Ficámos, mais tarde, a saber que as chuvas de outono estabeleceram um novo recorde.) Meses antes, ele pedira autorização para entrar em Dolpo, mas só agora, no último dia, lhe foram concedidas as autorizações. As últimas cartas foram escritas e enviadas; não havia correios no nosso destino. Todo o equipamento e toda a roupa em excesso foram descartados, e os cheques de viagem trocados por pequenas notas de rúpia pelo sujo pacote, dado que as notas maiores não têm aceitação entre os povos da montanha. Com os nossos assistentes de campo sherpa, embalámos as tendas e os tachos, e negociámos alguns mantimentos de última hora, na balbúrdia oriental do bazar de Asan, onde, em 1961, eu comprara um pequeno Buda de bronze, tornado verde pelo tempo. A minha

esposa e eu viríamos a tornar-nos estudantes do budismo Zen, e o Buda de bronze de Catmandu foi o que escolhi para um pequeno altar no quarto de Deborah no hospital de Nova Iorque, onde faleceu o ano passado, vítima de cancro, durante o inverno.

AO INÍCIO DA MANHÃ DE 26 DE SETEMBRO, SOB UMA forte chuvada, com um motorista, dois sherpas e todo o nosso material de expedição, enfiámo-nos no Land Rover que nos poderia levar até Pokhara; outros dois sherpas e cinco carregadores tamang deveriam seguir-nos de autocarro, no dia seguinte, a tempo da nossa partida de Pokhara a 28. Mas todas as chegadas e partidas estavam em dúvida; há trinta horas que chovia sem abrandar. No tempo calamitoso, a viagem perdia toda a realidade, e o sorriso caloroso de uma bela turista, na receção do hotel, perturbou-me; onde imaginava eu que ia, onde e porquê?

A partir de Catmandu, há uma estrada através da província Gorkha até Pokhara, nos contrafortes centrais; mas, para oeste, não existem estradas de todo. A estrada serpenteia pelos desfiladeiros íngremes do rio Trisuli, agora uma torrente; pequenas ondas de espuma branca enchem os rápidos, e a torrente castanha foi tornada um pouco mais espessa pelos deslizamentos trovejantes nas paredes da ravina. Repetidamente, as pedras caem na estrada: o motorista esperava pelo final do deslizamento, serpenteando, em seguida, através dos destroços, enquanto todos os rostos se viravam para os pedregulhos localizados sobre as nossas cabeças. Nas montanhas chuvosas, passou por nós um grupo de figuras amortalhadas, que transportavam um cadáver, e a imagem suscitou um presságio sombrio, inquieto.

Depois do meio-dia, a chuva abrandou e o Land Rover avançou para Pokhara num raio de luz tempestuoso. No dia seguinte, houve um sol húmido e os céus a sul começaram a mudar, mas, a norte, um profundo tumulto de cinzentos redemoinhantes era tudo o que se conseguia ver dos Himalaias. Ao pôr do sol, garças brancas batiam as asas através das nuvens baixas, agora negras de

chuva; na terra, a escuridão chegara. Depois, seis quilómetros e meio acima destas ruas enlameadas das terras baixas, num ponto tão elevado que parecia erguer-se sobre as nossas cabeças, brilhou uma brancura luminosa — a luz das neves. Os glaciares pairaram e desapareceram nos cinzentos, e o céu abriu-se e a neve do cone de Machhapuchare cintilou como um pináculo de um reino mais elevado.

À noite, as estrelas reuniram-se, e o vasto fantasma de Machhapuchare radiava luz, embora não houvesse lua. No abrigo onde nos deitámos, nas traseiras de uma espécie de estalagem, havia mosquitos. O meu amigo, sonhando, gritou no seu sono. Inquieto saí ao raiar do dia e vi três picos de Annapurna, erguendo-se para lá das nuvens baixas e suaves. Neste dia, partiríamos para noroeste.